

A VARIAÇÃO DO TEMPO FUTURO EM JORNAIS *ON-LINE* DO CEARÁ**VARIATION OF FUTURE TIME IN ONLINE NEWSPAPERS OF CEARÁ**

Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo¹
Montiele Gomes Albuquerque²

RESUMO: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica sobre a expressão variável do tempo futuro, em dois jornais *on-line* do Ceará, codificado pelas formas: futuro do presente simples e perífrase no contexto da mídia escrita. O aporte teórico se centra na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 2001 e 2008); (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006), baseado na experiência e na observação de dados produzidos, em situações reais de uso, e no Funcionalismo norte-americano (GIVÓN, 1985, 2001), que trata da língua como instrumento comunicativo. Analisamos como motivações da variável, os seguintes grupos de fatores: jornal (O Povo x Diário do Nordeste), regularidade verbal (regular x irregular), marca de futuridade (presença x ausência) e noção de futuro (imediate x distante). Os resultados da análise estatística revelaram tendência no uso do *futuro simples* em detrimento do *perifrástico* em dois dos três fatores linguísticos, visando a demonstrar preferência de formas menos marcadas em contextos mais formais, que são os textos veiculados na mídia escrita *on-line*, enquanto que a *forma perifrástica* se vinculou ao fator *futuro imediato*, cuja leitura é demonstrada em ocorrências quando há comprometimento com o valor de verdade do enunciado.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Futuro Simples. Futuro Perifrástico. Funcionalismo norte-americano.

ABSTRACT: This article presents results of a Scientific Initiation research on the variable expression of the future time, in two online newspapers in Ceará, coded by the forms: Simple Future and Periphrastic Future in the context of the written media. The theoretical contribution focuses on Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972, 2001 and 2008); (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006), based on experience and observation of data obtained, in real situations of use, and on North American Functionalism (GIVÓN 1985, 2001), which deals with language as a communicative tool. We analyzed the motivations of the variable the following groups of factors: newspaper (O Povo x Diário do Nordeste), verbal regularity (regular x irregular), Mark of futureness (presence x absence) and notion of the future (immediate x distant). The results of the statistical analysis revealed a trend in the use of the simple future to the detriment of the periphrastic in two of the three linguistic factors, characterizing the preference of less marked forms in more formal contexts, which are the texts conveyed in the online written media, while the periphrastic form was linked to the immediate future factor, whose reading is demonstrated in instances when there is a commitment to the truth value of the statement.

KEYWORDS: Variationist Sociolinguistics. Simple future. Perifrastic Future. North American Functionalism.

1 Introdução

A expressão do tempo futuro vem sendo alvo de investigação linguística tanto em Língua Portuguesa quanto em outras línguas por ser justamente um fenômeno linguístico variável, a depender da ênfase que se queira dar a uma ou outra forma verbal e sua implicação em contexto comunicativo. Mediante isto, consideramos relevante verificar a

¹ Professora adjunta do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral – CE. Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: alexfrancis2015@gmail.com/Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2244-5268>

² Bolsista de Iniciação Científica (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP). Graduada em Letras/Inglês da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: montiele-albuquerque@outlook.com

preferência do uso das formas verbais: *futuro simples* (eu **explicarei** na aula) e futuro perifrástico com *IR flexionado em uma das pessoas do discurso + infinitivo* (eu **vou/irei explicar** na aula) nos jornais *on-line* O Povo e Diário do Nordeste.

Os objetivos específicos desta pesquisa são: a) coletar as formas de futuro simples e as perifrásticas nos veículos de comunicação citados; b) codificar as formas coletadas para a análise estatística; c) analisar os grupos de fatores: jornal (O Povo x Diário do Nordeste), regularidade verbal (regular x irregular), marca de futuridade (presença x ausência) e noção de futuro (imediato x distante). O suporte teórico está centrado na Sociolinguística Variacionista e no Funcionalismo norte-americano, logo, em uma abordagem Sociofuncionalista. O processo de coleta do *corpus* ocorreu no período de 08/09/2020 a 22/09/2020, totalizando 223 marcações codificadas pela expressão do tempo futuro.

Justificamos a relevância desta pesquisa, primeiro, por se tratar de conteúdo raramente analisado e discutido nas aulas de Graduação do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), situada em Sobral - CE. Segundo, faz-se necessário abordar conceitos, estruturas e funções, haja vista serem as formas de futuro estudadas nas escolas com o auxílio do livro didático apenas para atender a regras prescritivas, sem mesmo descrevê-la ou averiguar a relação desse uso com a estrutura linguística e de como esse falante se comporta (intencional ou não) ao escolher uma forma em detrimento de outra.

Por outro lado, raramente se toma conhecimento da nomenclatura futuro perifrástico, mas esta forma linguística é bastante usada entre os falantes de Língua Portuguesa, sendo dificilmente comentada e/ou discutida em ambiente formal de aprendizagem. Em terceiro lugar, o uso do futuro perifrástico tem-se revelado como a estrutura preferencial dos falantes do português e sugerido como um fenômeno de mudança linguística. Diante disso, buscamos analisar se, de fato, essa mudança ocorre no contexto específico de notícias *on-line* em dois grandes jornais cearenses.

E, em quarto e último lugar, o trabalho é relevante para os profissionais de Letras, estudantes e falantes da Língua Portuguesa, uma vez que apresenta a influência dos fatores sociais sobre a língua. Assim, as variedades linguísticas mostram, conforme Alkmim (2008), que nenhuma língua é homogênea, logo, é fundamental trabalhar com sua heterogeneidade e função social, haja vista o objeto de estudo sociolinguístico ser a língua em uso. E, neste sentido, corroboramos as reflexões de Labov (2008) a respeito do compartilhamento das mesmas normas linguísticas em um mesmo grupo social, associado ao Funcionalismo norte-americano (GIVÓN, 1990; 1991; 1995), que dá conta das funções a serem representadas por uma forma sintética ou uma forma perifrástica.

Posto isso, este artigo está delineado da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos considerações entre língua e sociedade a fim de situar o nosso objeto de pesquisa – o tempo futuro; na segunda, tratamos da língua como atividade de interação social, de modo a respaldar o nosso referencial teórico duplo: Sociolinguística Variacionista ou a Teoria da Variação e o Funcionalismo norte-americano. A esta seção, seguem outras três: uma referente aos procedimentos metodológicos; outra que traz a análise dos dados e ainda outra com as considerações finais.

2 Relações entre língua e sociedade

Saussure (2006) tratou de uma teoria que dissocia língua e fala, além de sustentar a ideia de que a língua apresentava uma estrutura imutável e fixa. Após algumas análises e críticas às considerações do linguista, surgiram novas direções que contemplam o elo entre língua e sociedade.

Estabelecemos a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) como um dos subsídios teóricos para o desenvolvimento deste estudo, de modo que consideramos válido explorar a ligação entre língua e sociedade, uma vez que estamos tratando de veículo de comunicação. Segundo Alkmim (2008), a existência de uma íntima relação entre Linguagem e sociedade é a base da constituição do ser humano e estão ligadas entre si de modo inquestionável, sendo fundamental considerar tal vínculo nos estudos sociolinguísticos.

A Sociolinguística Laboviana investiga a língua no meio do contexto social, analisando a influência que a sociedade pode exercer no comportamento linguístico, de modo que situações reais de uso da língua fazem parte desse ramo de estudo, bem como a percepção de que toda língua manifesta variações resultantes da heterogeneidade dos eventos linguísticos. Portanto, é inviável desconsiderar o social presente na língua, uma vez que se a comunidade de fala é diversificada e flexível, e não homogênea, logo, a língua está inserida nesse processo.

Weinrich, Labov e Herzog ([1968], 2006, p.162) remetem à noção de heterogeneidade linguística, que prevê a língua como um sistema de regras variáveis, ao contrário de ser um sistema fechado e homogêneo, ou seja, as línguas são influenciadas por diversos fatores que ocasionam sua variação, logo, os falantes não a utilizam da mesma forma. De acordo com Labov ([1972] 2008, p.204), “uma vez que tenhamos dissolvido a associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver as ferramentas formais necessárias para lidar com a variação herdada dentro de uma comunidade de fala”, ou seja, para encarar o processo de variação de forma apropriada, é necessário compreender que o comportamento da língua não é rígido.

Labov ([1972] 2008) destaca, ainda, que o interesse da sociolinguística é analisar o vernáculo de uma comunidade de fala porque nela se compartilha normas e atitudes sociais em torno de uma língua e os participantes dessa comunidade não precisam, obrigatoriamente, falar da mesma forma. Para Coan; Freitag (2010), a língua da comunidade de fala é aquela em que se conversa com os amigos, conta-se uma piada, ou seja, tem-se o menor monitoramento possível, logo, um uso linguístico espontâneo. Em se tratando de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala, não existe um modo único e específico de usar a língua, haja que vista que os próprios falantes não se expressam da mesma forma em diferentes contextos.

Não obstante, reforçando a língua como heterogênea, ao contrário de Saussure e Chomsky (insistem na homogeneidade necessária do objeto linguístico), Tarallo (1985) afirma que a cada participação dos falantes na situação de fala, percebemos o quão a língua falada é heterogênea e diversificada, ou seja, a língua revela sua capacidade de ser variável na prática, em contexto real de uso. Sendo assim, a sociolinguística busca explicar a heterogeneidade da língua, analisando fatores internos e externos ao sistema linguístico, ao que chamamos de condicionadores linguísticos e extralinguísticos.

Para lidar com a heterogeneidade de uma comunidade, são realizadas pesquisas, cujo foco está nas comunidades de prática. É válido destacar a ordem “micro”, envolvendo o grau de contato com os grupos que interagimos no cotidiano, quanto de uma ordem “macro”, relacionada a uma camada social mais ampla. Geralmente, as pesquisas estão voltadas para um nível micro de análise, o que facilita USO►REFLEXÃO►USO sobre o papel dos indivíduos no processo de variação/mudança e a relação entre língua, identidade e sociedade.

Dessa forma, a língua é vista pelos sociolinguistas como um sistema heterogêneo, e não seria estudada como individual, mas como pertencente à fala da comunidade. Assim, Labov, ao discordar da tradição saussureana de ver a língua como sistema

homogêneo, estabelece o domínio de estruturas heterogêneas como parte integrante da competência linguística dos indivíduos, fator importante na identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade de fala.

Labov ([1972]2008) acredita que a nova forma de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala, ou seja, uma metodologia voltada para a observação da prática linguística no meio social, tendo em vista a partilha das mesmas normas a respeito da língua, por isso, a nossa pesquisa é desenvolvida nessa perspectiva, uma vez que analisamos contextos reais de uso em dois grandes jornais *on-line* do Ceará.

Dessa forma, consideramos a língua estar em constante variação e mudança devido às interações sociais e, neste sentido, William Labov propôs o estudo das formas linguísticas em variação, já que este fenômeno é perceptível em toda comunidade de fala. Segundo Labov ([1972], 2008), a variação refere-se às diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Assim, é natural que algumas pessoas se perguntem qual é a forma mais correta em meio a tantas variantes linguísticas. Contudo, nesse quesito, não existe o certo e o errado, mas a forma conveniente de se expressar dada a situação de comunicação.

Nesse sentido e a partir da Teoria da Variação e Mudança proposta por Labov (estudo da variação e mudança da língua em contexto social da comunidade de fala), confrontamos se a forma sintética de futuro (eu **estudarei**) se sobressai em relação à perifrástica (eu **vou/irei estudar**) nos jornais O Povo e Diário do Nordeste. As duas variantes são alternativas de se dizer a mesma coisa. Alguns falantes podem usar as duas, outros podem preferir uma em detrimento da outra e vice-versa. A escolha pode sofrer influência de diversos fatores externos, como faixa etária, sexo, classe, etnia, mas todos os falantes conseguem entender as duas formas.

Para a Sociolinguística, a variedade linguística reflete a variedade social, e dentro dessa variação, uma forma (a inovadora) pode não estar seguindo a norma padrão, mas pode estar linguisticamente adequada, pois exerce sua principal função: a de comunicar. Conforme Cunha e Tavares (2007, p. 17), “a ideia central é que a língua é usada, sobretudo, para satisfazer necessidades comunicativas”. Neste sentido, duas variantes podem co-ocorrer em variação durante muito tempo sem que haja substituição/mudança de uma forma por outra e, por isso, é importante lembrar que a mudança sempre envolve uma variação, uma fase de concorrência, e que nunca pode acontecer de forma súbita, daí se justifica o conceito de que “Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WLH [1968], 2006, p.125).

Weinreich, Labov e Herzog ([1968], 2006) explicam a mudança linguística como um processo que começa quando uma das características da variação se expande pela comunidade de fala, assumindo certa significação social. Assim, a mudança se consolida quando a variante vira uma constante. De acordo com Labov (2008, p. 21): [...] “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”, ou seja, a sociedade influencia diretamente nos diferentes usos da língua, pois esta não é estável e está exposta às mudanças e/ou variações no decorrer do tempo.

3 A língua como atividade de interação social

A partir dos postulados da Sociolinguística, entendemos que a língua é uma atividade de interação social e não deve ser estudada de forma fragmentada face ao seu contexto de uso. Dessa forma, para sustentar nossos estudos, optamos por abordar,

também, o Funcionalismo norte-americano, uma vez que esse modelo defende uma linguística fundamentada no uso, isto é, buscando refletir o seu funcionamento em efetiva comunicação. Tanto o Funcionalismo linguístico quanto a Sociolinguística investigam a relação entre a língua e a sociedade, o uso dos fenômenos linguísticos em contexto real e a frequência das ocorrências. De acordo com Tavares (2013), o conhecimento gramatical dos falantes surge das experiências individuais com os elementos linguísticos, referindo-se ao contexto de uso e a frequência destes. Portanto, esse casamento teórico tanto analisa os fenômenos de variação e mudança linguística, quanto às funções de que delas decorrem, considerando a interação comunicativa.

A língua deve ser analisada como maleável em função do contexto linguístico e extralinguístico, sujeita às pressões das diferentes situações comunicativas. De acordo com Cunha, Oliveira e Martellota (2003, p. 29), “a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” pelos falantes, cuja instabilidade e regularidade das estruturas linguísticas suscita hipóteses para estudos decorrentes da pressão dos fatores internos e externos sobre a comunicação. A partir do Funcionalismo norte-americano, tomamos as noções de variável/variantes, condicionamentos linguísticos e extralinguísticos a que a língua está submetida, vinculada às reais situações de uso, pois a gramática não pode ser entendida de forma isolada, mas baseada em parâmetros como cognição, interação social e cultura, mudança e variação (GIVÓN, 1995) para explicar os contextos de uso.

No funcionalismo linguístico norte-americano, há uma forte conexão entre gramática e discurso, haja vista que algumas formas de organização do discurso do falante se regularizam, sendo a gramática uma consequência desse processo (BANDOLI; DETOGNE; LUQUETTI, 2014), o que implica as estruturas serem propícias a constantes mutações em função das instabilidades e/ou regularidades do discurso. Nesse sentido, o conhecimento gramatical surge em função de situações particulares dos falantes, as quais refletem nas formas linguísticas.

A gramaticalização também ganha destaque no ramo da pesquisa funcionalista, na medida em que “quanto mais gramaticalizado um item está, mais frequente ele passa a ser no discurso, porque maior é o número de contextos linguísticos em que ele é admitido”, segundo Fonseca (2010, p.49). Posto isto, investigamos o espaço que passou a ocupar a forma gramaticalizada do verbo “ir” conjugado em qualquer pessoa do discurso + infinitivo em dois grandes jornais *on-line* do Ceará sob o viés da variação, de modo a utilizar esse processo linguístico para clarear a recategorização do verbo “ir”, uma vez que seu significado inicial é de deslocamento, pois com o tempo, passou a assumir um papel de verbo auxiliar na formação da perífrase verbal ir + infinitivo, manifestando ideia de futuridade, fenômeno de codificação em xeque, neste estudo.

Givón (1995) caracteriza a percepção funcionalista da linguagem a partir de um conjunto de fatores, como a flexibilidade na comunicação, as exceções das regras gramaticais, a motivação e a atividade sociocultural da linguagem. A língua é usada para satisfazer necessidades comunicativas, sendo assim a função influencia a forma, pois é a partir da escolha dos falantes que se torna possível estudar as formas que a língua apresenta. Portanto, o surgimento de novas estruturas tem relação estreita com os aspectos comunicativos, pois a estrutura da fala reflete a estrutura da experiência, ou seja, existe uma relação natural entre forma e função. Para manter os critérios da pesquisa funcionalista, a tendência é tratar função e forma em equilíbrio nas direções de sentido e estrutura, uma vez que ambas são fundamentais.

Conforme Bybee (2006, 2010), nos estudos sociofuncionalistas, a frequência exerce um papel fundamental em torno das construções gramaticais nos eventos discursivos, isto é, a frequência de uso e o contato do falante com repetidas formas são relevantes para o estabelecimento ou surgimento de novas estruturas. Com base nessas observações, apresentamos a distribuição de frequência, um dos parâmetros propostos por Givón (1991) para analisar a marcação abordada em uma contraposição entre dois termos pertencentes a uma mesma categoria linguística. Uma forma linguística mais utilizada no cotidiano tende a ser definida de modo mais mecanizado/automatizado pelo falante, por isso, Givón (1990, p. 947) apresenta critérios para avaliar a marcação: a estrutura marcada exige maior esforço mental, pois a forma é mais complexa estrutural e cognitivamente, logo é menos frequente ao passo que as estruturas não-marcadas são mais frequentes, forma mais simples ou menor, aquisição mais rápida.

Segundo Givón (1995), uma mesma estrutura pode ser marcada em um contexto e não-marcada em outro, podendo ser explicada a partir de fatores comunicativos, socioculturais e cognitivos. Em vista disso, nossas considerações integram o princípio da expressividade (DUBOIS e VOTRE, 1994), visando explicar o equilíbrio entre as tarefas de codificação e sua funcionalidade discursivo-cognitiva. Ao contrário do princípio da marcação, o princípio da expressividade associa-se a:

- (i) Um procedimento discursivo menos elaborado e menos longo;
- (ii) Um procedimento discursivo mais frequente;
- (iii) Um procedimento discursivo que reduz o esforço de codificação.

Atendendo ao princípio da expressividade, propomos justificar o uso das variantes: futuro simples (Minha mãe **falará** com você) e futuro perifrástico (Minha mãe **vai falar** com você), de modo a considerar o contexto de uso como um equilíbrio entre cognição e codificação, que revele um futuro ora distante, ora imediato, implicando o comprometido ou não ao que está sendo informado.

4 Procedimentos metodológicos

O nosso estudo tem por base as teorias apresentadas, bem como se relaciona aos princípios da linguagem como sendo uma atividade sociocultural, haja vista a mudança e a variação estarem sempre presentes, dependente do contexto, cuja estrutura é maleável e não rígida. A variante *forma perifrástica* (constituído do verbo IR flexionado em uma das pessoas do discurso + infinitivo do verbo principal, cf. 1) e a variante *futuro do presente simples* (futuro do presente sintético, cf. 2) possuem o mesmo significado referencial: o tempo futuro e, por isso, foram escolhidas por serem mais utilizadas na expressão de futuridade e também devido à sua frequência de uso na mídia escrita cearense.

(1) “Preço da cerveja **vai aumentar** 5% em setembro, aponta relatório de banco suíço”. *O POVO* (10/09/2020).

(2) “Ministra da Agricultura afirma que preços do arroz **voltarão** a se equilibrar em janeiro com safra”. *O POVO* (14/09/2020).

É notório que a construção IR flexionado na 3ª pessoa do discurso + verbo no infinitivo (**vai aumentar**, cf. 1) se configura como futuro perifrástico que concorre com o futuro simples em português (**voltarão**, cf. 2), fenômeno ocorrendo também em outras

línguas a exemplo do **inglês** (*It is going to increase; It will increase*), do **francês** (*Il va augmenter; Il augmentera*) e do **espanhol** (*va a aumentar; aumentará*). A forma perifrástica está assumindo contextos de maior expressão, logo, começa a disputar espaço com o futuro do presente, cuja análise comparativa é considerada “recente” em função de um uso por outro.

Associando a teoria da variação à abordagem funcionalista, realizamos esta pesquisa a fim de identificar a preferência do uso das variantes nos jornais cearenses *online* O Povo e Diário do Nordeste. O *corpus* coletado no período de 08/09/2020 a 22/09/2020 totalizou 223 marcações codificadas pela expressão do tempo futuro, já que nosso intuito foi apenas o de mostrar a inserção de perífrases em jornais da mídia escrita cearense, movimento similar ao que vem demonstrando pesquisas como a de Vieira (2014, 2017). O período foi escolhido por ser um recorte do contexto vivido da pandemia, logo se utilizar de formas cujo contexto remete ao futuro imediato ou distante e por fazer parte da pesquisa de Iniciação Científica com projeto financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

A partir dessa amostra mínima, o nosso propósito inicial foi o de mostrar que as formas sob análise são, de fato, variantes. Correlacionamos aos pressupostos funcionalistas para discutir, na análise, os princípios da marcação e da expressividade retórica, considerando percentuais obtidos no programa estatístico GOLDVARB X Sankoff; Tagliamonte e Smith (2005), mesmo sem haver pesos relativos, porque os grupos de fatores não foram estatisticamente selecionados, sendo um extralinguístico suporte - **jornal** (O Povo x Diário do Nordeste) e três linguísticos de natureza diferente: um morfológico - **regularidade verbal** (verbo regular x irregular); um morfossintático - **marca de futuridade** (presença x ausência) e um semântico - **noção de futuro** (imediato x distante). Atentamos, pois, para a frequência nesses grupos o que será analisado na próxima seção, tendo em vista haver tendências linguísticas a explorar/discorrer.

5 Análise dos dados

Iniciamos nossas considerações pelo grupo de fatores jornal, cujos resultados podem ser visualizados nas tabelas 1 e 2. A escolha destes dois jornais decorre do fato de serem os de maior veiculação no Ceará. Constatamos que a forma de futuro simples se sobressai em ambos os jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, apresentando percentuais de 72,35% e 67,92%, respectivamente. A forma simples é menos marcada em relação à forma perifrástica e, por conta disso, mais frequente, segundo o princípio da marcação. Por outro lado, as perífrases verbais são menos frequentes, já que, de modo geral, exigem maior esforço (forma mais complexa estrutural e cognitivamente (GIVÓN, 2001)). Neste caso, a forma perifrástica, mediante os dados analisados, tem inserção reduzida na escrita jornalística diferentemente do que acontece na oralidade.

Tabela 1: Uso da forma perifrástica

Fatores	Aplicação/ Total	Percentual
O Povo	47 /170	27,64%
Diário do Nordeste	17 /53	32,07%

Tabela 2: Uso do Futuro simples

Fatores	Aplicação/ Total	Percentual
O Povo	123 / 170	72,35%
Diário do Nordeste	36/ 53	67,92%

Para demonstrar a supremacia do uso da forma sintética (123 e 36 dados) sobre a perifrástica (47 e 17 dados) tanto no jornal *O Povo*, quanto no *Diário do Nordeste*, apresentamos os exemplos (3) e (4):

3. “De acordo com o INSS, cerca de 600 agências **estarão** reabertas”.

O POVO (14/09/2020)

4. “O documento publicado pela Federação diz que a entidade **realizará**, na manhã de hoje, reunião com sua diretoria para avaliação do cenário”.

DIÁRIO DO NORDESTE (22/09/2020)

Em relação aos fatores linguísticos, a regularidade verbal, grupo mais formal, apresentou os seguintes percentuais:

Tabela 3: Uso da Forma Perifrástica

Fatores	Aplicação/ Total	Percentual
Regularidade Verbal	47/ 95	49,47%
Irregularidade Verbal	17/ 128	13,28%

Tabela 4: Uso do Futuro Simples

Fatores	Aplicação/ Total	Percentual
Regularidade Verbal	48/95	50,52%
Irregularidade Verbal	111/128	86,71%

Percebemos que o uso da forma sintética também prevaleceu no contexto dos verbos irregulares (86,71%) face à forma perifrástica (13,28%), talvez porque as formas irregulares, mais complexas, demandam maior esforço mental, por isso o uso da forma menos marcada - simples - em relação à perifrástica. É importante ressaltar que nenhuma forma utilizada é melhor que a outra, contudo, para haver um equilíbrio contextual, segundo Dubois e Votre (1994), formas marcadas podem ocorrer em contextos menos marcados e formas menos marcadas podem estar presentes em contextos mais marcados.

Nas tabelas 5 e 6, são apresentados dados relativos à presença ou ausência de marca de futuridade para as formas variantes em estudo. Percebemos que a ausência de adjunto é recorrente no uso da forma futuro simples, pois de um total de 165 dados coletados, 115 contra 50 assim o revelam. A presença de marca de futuridade para uso desta mesma forma também é maior do que para a perífrase: 44 dados (75,86% - maior percentual) contra 14 (24,13% - menor percentual) na comparação dessas tabelas. Talvez o fato de a perífrase verbal não se sobressair em relação ao futuro simples seja por não considerar a ação futura como certa ou pela ausência de âncora temporal ao passo que a forma simples expressa um tempo futuro sem informação adicional, apenas indica a certeza de preparo para realizar algo. Em premissas sociofuncionalistas, uma estrutura se sobrepõe a outra em função das situações de comunicação real devido à influência social, em que o aspecto discursivo se torna relevante, haja vista os textos jornalísticos necessitarem serem concisos tanto pelo espaço do jornal, quanto na objetividade da comunicação.

Tabela 5: Uso da Forma Perifrástica

Fatores	Aplicação/ Total	Percentual
Ausência	50/ 165	30,30%
Presença	14/ 58	24,13%

Tabela 6: Uso do Futuro Simples

Fatores	Aplicação/ Total	Percentual
Ausência	115/165	69,69%
Presença	44/58	75,86%

Vejamos, por fim, os resultados referentes ao tipo de futuro, se imediato ou distante:

Tabela 7: Uso da Forma Perifrástica

Fatores	Aplicação/ Total	Percentual
Futuro Imediato	53/ 102	51,96%
Futuro Distante	11/ 121	9,09%

Tabela 8: Uso do Futuro Simples

Fatores	Aplicação/ Total	Percentual
Futuro Imediato	49/102	48,03%
Futuro Distante	110/121	90,90%

Observamos, nas tabelas 7 e 8, maior percentual para o uso da forma perifrástica (51,96%, o que corresponde a 53 dados) em detrimento da forma simples (48,03%, correspondendo a 49 dados) no Futuro Imediato. Na codificação do Futuro Distante, o processo se inverteu quando a forma sintética se sobressaiu, correspondendo a 90,90%, ou seja, 110 dados em relação ao uso de perífrase, o qual foi de 9,09%, representando o menor número nas tabelas em comparação (11 dados apenas). Olhando cada tabela isoladamente, há tendência de o futuro simples codificar tempo distante e de a perífrase codificar futuro imediato, o que pode revelar o princípio da expressividade, em que o procedimento discursivo marcado pode ser mais frequente, sobretudo no âmbito da aproximação da realização da ação ensejada pela perífrase.

Neste contexto, sendo a forma perifrástica inovadora, o *status* de gramaticalizada se fortalece progressivamente para um padrão verbal de futuro, visto que já é muito usada tanto na fala como na escrita, como aponta Vieira (2017). As duas formas em concorrência são muito utilizadas, mas ainda não possuem uma equivalência quanto à frequência de uso nos dois jornais ora investigados. Segundo Cunha e Cintra (2001), a forma perifrástica indica uma ação futura imediata, ou seja, pode referenciar um fato que não demorará acontecer. Nesse mesmo viés, a forma perifrástica aparece de forma significativa em contextos em que se expressa mais certeza e intenção para realizar a ação.

6 Considerações finais

Concluimos que o futuro simples ainda é a variante preferida, sendo a mais utilizada na Língua Portuguesa expressa na mídia escrita *online* nos jornais analisados. É possível, então, levantar a hipótese de que a escrita escolheria o futuro simples e a fala selecionaria o futuro perifrástico com *ir* + infinitivo, o que respalda o fato de que a mudança ocorre, inicialmente, na fala e depois, na língua escrita. É possível compreender que, no português, o futuro perifrástico formado por *IR* + infinitivo apresenta uma forte

disposição a substituir a forma simples do futuro, uma vez que no âmbito da língua falada, essa substituição já vem ocorrendo e, em vista disso, intentamos este estudo na modalidade escrita a fim de saber se a forma de futuro simples ocorre mais em textos escritos, o que foi corroborado nesta pesquisa.

Percebemos que, nos dois jornais, a forma *de futuro simples* se sobressai em relação à *forma perifrástica*. Entendemos que a forma perifrástica não tem grande inserção nessas amostras, talvez porque ao usar a forma do futuro simples, há uma ideia de formalidade ou por uma redução de palavras (menor esforço cognitivo), sendo estas algumas de nossas hipóteses. Este trabalho permite concluir que a preferência da forma de futuro simples face à forma de futuro perifrástico se demonstrou, tendo em vista o equilíbrio do uso da forma menos marcada, portanto, a mais simples e que ao utilizar aquela forma verbal (o visto nos dados coletados), verificamos a tendência a reduzir e/ou eliminar o esforço de codificação aportado pelo princípio de expressividade retórica proposto por Dubois e Votre (1994), considerando um procedimento discursivo.

Com base nos estudos realizados e nos respectivos resultados encontrados, concluímos que o futuro simples, nos dados analisados, é mais recorrente nos dois jornais, considerando a porcentagem de 72,35% e 67,92% (tabelas 1 e 2). Quanto aos verbos irregulares estão mais vinculados ao contexto de uso da forma sintética que da forma perifrástica (111 dados contra 17 – tabelas 3 e 4), o que de acordo com o princípio de marcação proposto por Givón (1995), as formas menos marcadas reduzem o processamento cognitivo, haja vista que nossos resultados revelaram a forma menos marcada ser a preponderante, já que a estrutura irregular dos verbos é complexa.

Em relação aos percentuais de ausência e presença de marca de futuridade (adjunto), eles foram maiores no uso das formas sintéticas (69,69% e 75,86% - tabelas 5 e 6), respectivamente, o que pode reverberar a permanência/continuidade do emprego da forma simples a representar contextos mais formais (notícias midiáticas), além dos aspectos semânticos aportados por algumas formas verbais, as quais podem se referir ao tempo sem necessariamente estarem acoplados a adjuntos temporais, por exemplo.

Já o futuro imediato está para a forma perifrástica (53 contra 49 dados – tabelas 7 e 8), assim como o futuro distante está para o uso da forma simples (110 contra 11 dados – tabelas 7 e 8), ou seja, percebemos uma inversão que indica haver uma leve frequência registrada da forma perifrástica nos jornais *on-line* do Ceará que vinculem um futuro imediato, o que pode reverberar discussão acerca das mudanças para o fenômeno abordado de formas com estrutura mais marcada, portanto mais complexa cognitivamente, mas que pode atender aos anseios mais imediatos das necessidades comunicativas, o que outrora era visto apenas pelo uso da forma simples (menos marcada, mais formal).

O desenvolvimento deste trabalho contribuiu, de certo modo, para as pesquisas sociofuncionalistas quanto à variação de uso entre uma forma ou outra em textos jornalísticos cearenses *on-line*, bem como para a reflexão das funções decorrentes dessa variação. Torna-se importante, também, refletir sobre a importância de considerar a língua em diferentes contextos de uso na medida em que ela não é estática, ao contrário, está continuamente se movendo, mudando e interagindo. Entende-se que as pesquisas sobre o tempo futuro são relevantes para descrever o seu comportamento ao longo do tempo, no que se refere à frequência/preferência de uso, assim como os fatores que influenciam em determinada escolha.

Referências

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística I. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Christina Anna (orgs). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BANDOLI, Giselda; DETOGNE, Karina; LUQUETTI, Eliana. **Funcionalismo e ensino de língua: por uma educação linguística**, 2014. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/1962.pdf>>. Acesso em: 26/10/2019.
- BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**. Washington, n. 82 (4), p. 529-551, 2006.
- _____. **Language, Usage and Cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- COAN; Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Lingu@gem Revista Eletrônica de Linguística** (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) Volume 4, - n° 2 – 2° Semestre 2010 - ISSN 1980-5799.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTA, Eduardo. (Orgs). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado; TAVARES, Maria Alice (orgs.) **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007.
- DUBOIS, Sylvie; VOTRE, Sebastião Josué. **Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento linguístico: a procura da essência da linguagem**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- FONSECA, Ana. **Tempo, Aspecto, Modo / Modalidade (TAM) na expressão de futuridade**, 2010. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/39/v2/EL_V39N1_04.pdf>. Acesso em: 15/03/2021.
- GIVÓN, Talmy. **Syntax**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- _____. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: **English Grammar: a functional-based introduction**. Vol I e II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.
- _____. **Functionalism and grammar: a prospectus**. University of Oregon, 1991a.
- _____. **Syntax: a functional-typological introduction**. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.
- _____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/>
- JORNAL O POVO. Disponível em: www.opovo.com.br
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- _____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.
- SANKOFF, Davi; TAGLIAMONTE, Sale A; SMITH, Eric. **GoldvarbX: A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática. Série princípios, 1985.
- TAVARES, Maria Alice. **Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística**. ed. Esp. ABRALIN/SE, Ano VIII, v. 17, p.27-48, 2013.
- VIEIRA, Maria Hermínia Cordeiro. **Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa**, 2017. Disponível em: < www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/51683 >. Acesso em: 17/03/2021.
- _____. **Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa**. Fortaleza: UFC. 168 p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2014.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Submetido em 29/03/2021

Áceito em 20/09/2021